



Instalação de Castiel Vitorino  
Brasileiro - Foto: Levi Fanan /  
Fundação Bienal

## ARTIGO

# SOB OS DESAFIOS DA DIVERSIDADE, A ARTE TRAZ COREOGRAFIAS DO IMPOSSÍVEL

LEILA KIYOMURA - ABCA/SP

MARIA AMÉLIA BULHÕES - ABCA/RS

**RESUMO:** Com o tema “coreografias do impossível”, a 35ª Bienal de São Paulo teve como proposta, segundo os curadores Diane Lima, Grada Kilomba, Hélio Menezes e Manuel Borja-Villel trazer novas perspectivas para o ser humano diante dos desastres ambientais e sociais do mundo atual. Incentivou reflexões sobre a vida, o planeta e a trajetória do homem. Analisamos aqui a experiência desta visita, seu alcance a desafios.

**PALAVRAS-CHAVE:** 35ª Bienal de São Paulo, Coreografias do Impossível, arte contemporânea, decolonial, desastres ambientais, diversidade.

**ABSTRACT:** With the theme “choreographies of the impossible”, the 35th Bienal de São Paulo aimed, according to curators Diane Lima, Grada Kilomba, Hélio Menezes and Manuel Borja-Villel, to bring new perspectives to human beings in the face of environmental and social disasters in the world . current. It encouraged reflections on life, the planet and the trajectory of man. Here, we analyze the experience of this visit, its scope of challenges.

**KEYWORDS:** 35th Bienal de São Paulo, Choreographies of the Impossible, contemporary art, decolonial, environmental disasters, diversity.



Instalação de Kidlat Tahimik - Foto: Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo

A Bienal de São Paulo, assim como a maioria das bienais espalhadas pelo mundo<sup>1</sup> vem enfrentando inúmeros desafios em busca de renovação nas suas últimas edições. Apontando para a diversidade, ousou exibir proposições de vários coletivos de artistas que lidam com as questões de gênero, ancestralidades e cosmovisões (afrodescendentes e indígenas), divergentes da hegemônica cultura ocidental. No enfrentamento das questões ambientais e do pensamento colonialista, a 34ª. edição, com o tema *Faz escuro mas eu canto (inspirado no poema de Thiago de Mello)*, trouxe artistas, como Jaider Esbell, Daiara Tukano e Gustavo Caboco que despertaram atenção do público e suscitaram discussões sobre a arte indígena contemporânea, suas epistemologias e motivações<sup>2</sup>.

Nesta 35ª edição, com o título, *Coreografias do impossível*, aponta para utopias e movimentos desenhados ou previamente indicados, aprofundando rupturas e trazendo novas perspectivas. Primeiramente, uma equipe curatorial totalmente horizontal, sem hierarquia de posições, trabalhando para

instalar o que pretendem seja uma proposta decolonial nesta tradicional instituição do campo artístico. Manuel Borja-Villel, Grada Kilomba, Diane Lima e Helio Menezes, os quatro curadores, com respeitadas trajetórias, trazem um histórico de compromisso com questões políticas, crítica institucional e ação pedagógica assumidamente questionadora. Não vieram para colocar panos quentes ou amenizar as dores das feridas coloniais, pelo contrário, decididamente assumem trazer à tona o sofrimento, mas principalmente as glórias das ancestralidades na atualidade do mundo, explorado pela expansão europeia em suas conquistas e ações predatórias.

“Escolhemos conscientemente não ter um curador-chefe, buscando dissolver estruturas hierárquicas. Nossa lista abrange um amplo espectro de formas artísticas e vozes de vários territórios ao redor do mundo. Então a pergunta que permanece é, como as impossibilidades de nossa vida cotidiana refletem na produção artística? As coreografias do impossível nos

ajudam a perceber que diariamente encontramos estratégias que desafiam o impossível e são essas estratégias e ferramentas para tornar o impossível possível que encontramos nas obras dos artistas<sup>3</sup>.

Entretanto, para quem espera encontrar uma bienal politizada nos termos da tradição da esquerda revolucionária o que se encontra é bem outra coisa. Um conjunto complexo de poéticas, onde a presença histórica vem com virulência do clássico Jose Guadalupe Posada e do Taller Gráfica Popular, mas também com o humor ácido e contundente de Melchior Maria Mercado. Essas, produções artísticas de outras épocas dialogam com as combativas práticas dos coletivos *Frente 3 de Fevereiro*<sup>4</sup> e do Grupo de Investigación en Arte e Política (GIAP)<sup>5</sup>.

Não menos crítica é a instalação de Castiel Vitorino Brasileiro que retoma a ancestralidade africana no seu *Museu dos objetos com alma*, instalação realizada com artefatos religiosos de origem africana apreendidos pela polícia. Seu trabalho

de artista visual se alinha ao de escritora no seu novo livro *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*. As fortes provocações da artista vem agitando o panorama artístico nacional.

O coletivo indígena, MAHKU (Movimento dos Artistas Huni Kuin), criado em 2013, por artistas da Terra Indígena Kaxinawá do rio Jordão, estado do Acre, Brasil, marcou presença na Bienal com sua cultura e força. É formado por Ibã Huni Kuin, Bane Huni Kuin, Mana Huni Kuin, Acelino Tuin e Kássia Borges, que relêem seus mitos e tradições a partir de uma visualidade urbana e, ao mesmo tempo, tradicional. As figuras humanas e não humanas que compartilharam as cores e a trama gráfica relembram as pinturas corporais, a reverência à natureza e aos antepassados.

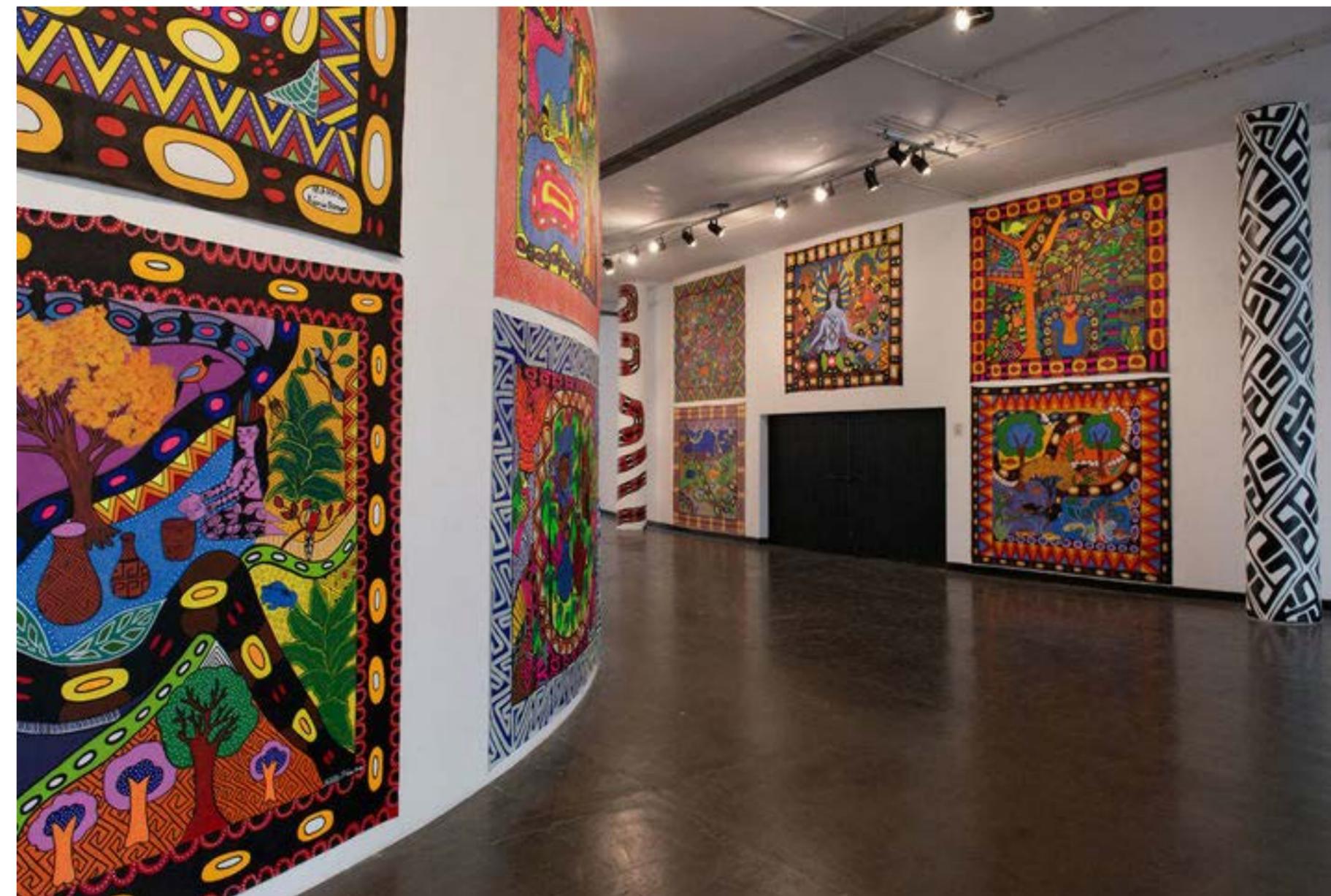
Caminhar pela 35ª Bienal significou constatar que a arte pode abrir os olhos do visitante para a realidade que está exterminando o planeta. Como aponta a instalação gigantesca, denominada *Matando-nos suavemente... com seus S.P.A.M.S*, localizada na

entrada do primeiro pavilhão. Nela estão reunidas figuras mitológicas ancestrais como Ipupiara (termo tupi que significa *monstro marinho*) e Syokoy (espécie de homem-sereia), originárias respectivamente de povos indígenas brasileiros e



Instalação de Castiel Vitorino Brasileiro / Foto: Levi Fanan / Fundação Bienal

de povos filipinos. O artista filipino Kidilat Tahimik denuncia uma devastação que vai muito além dos seres humanos. As figuras mitológicas de uma cultura ignorada se misturaram com foguetes, barcos e personagens da cultura pop,



Obra Rewe Rashūiti de MAHKU / Foto: Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo



O encanto mágico das cortinas de palha de Sumidouro n.2, de Diego Araujo e Laís Machado - Foto: Marcos Santos/USP Imagens



Rosana Paulino, série Mangue - Foto:Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo

sublinhadas por um texto na parede que diz “Madeireiros gananciosos deixam para trás vastas paisagens de terra arrasada. O exército de motosserras tem como alvo a última fortaleza verde, lar das tribos...”

Entre política e poética, *Sumidouro n.2. - Diáspora fantasma, 2023*, propicia um momento para se deixar encantar por grandes cortinas de palha em movimento. Elas parecem dançar com leveza, sugerindo um ritual que transportou o público para um espaço

e tempo inusitados. Os criadores Diego Araújo e Laís Machado, baianos de Salvador, estreitaram o elo entre a África e o Brasil. A obra reverenciou a memória de Mãe Bernadete Pacífico, a líder do Quilombo Pitanga dos Palmares, em Simões Filho, na Bahia, que, por sua liderança ativista, foi assassinada neste ano.

Rosana Paulino conta sua história em uma sala própria, onde surpreende pela força e criatividade com que aborda temas como o racismo, o legado da escravidão e os desafios das mulheres negras na sociedade brasileira. A série *Mangue* trouxe grandes painéis de mulheres vestidas de amarelo, presas entre galhos de árvores, mas com as mãos carregando peixes, caranguejos ou um guará vermelho... Presas, mas fortes e altivas. O grande painel de fotos, chamado de *Parede da Memória*, reuniu as imagens dos homens, mulheres e crianças presentes na vida da artista.

A Bienal negociou para a *Ocupação 19 de julho* administrar o restaurante e a cafeteria, oferecendo uma culinária trivial deliciosa, que alia



Cozinha Ocupação 9 de Julho - MSTC na 35ª Bienal - Foto:Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo

a tradição de comidas caseiras de diferentes procedências com o serviço comunitário e o uso compartilhado dos espaços. Trazendo assim, não só as mazelas de nossa sociedade, mas as versões já existentes de utopias aplicadas. Lembra o trabalho

*Restauro*, de Jorge Menna Barreto, na 32ª Bienal, que ocupou o restaurante com produtos sem agrotóxicos e obtidos de forma regenerativa também em agroflorestas. Ambas as propostas estão presentes não para nos dizer que está tudo bem, mas

que muita coisa impossível pode se tornar realidade.

Mesmo enfrentando temas polêmicos e difíceis, a 35ª Bienal é atrativa visualmente e envolve os espectadores que cotidianamente invadem seus espaços. É possível ver tantas crianças sentadas ou deitadas no chão, vendo e ouvindo atentamente os vídeos, percorrendo as instalações, ou mesmo fazendo arte, brincando de rolar nas rampas do prédio projetado por Oscar Niemeyer. Conta com a participação de 121 artistas, com 1.100 obras em diferentes linguagens, que se espalharam pelos 30 mil metros quadrados do Pavilhão Ciccillo Matarazzo. Convidativa e plural, a mostra atrai um diversificado público, de diferentes idades e procedências, composto de curiosos, interessados em geral e especialistas

Talvez possam criticar a ausência de grandes nomes do circuito internacional da arte, que frequentam os grandes museus e o mercado milionário das galerias e leilões, que o meio de arte local tem oportunidade de ver nas bienais. Realmente, não

é uma mostra com obras magistrais ao lado de algumas outras que muitas vezes não dá para entender porque estão ali, senão por interesses particulares de pessoas ou grupos específicos. Esta não é uma bienal de contrastes, mas de harmonia e diálogo entre os trabalhos apresentados. Cada artista e obra tem uma razão de estar presente, encontram-se representados pensamentos, posições, movimentos, grupos, etnias, gêneros. O que talvez possa ser criticado por aqueles que acreditam em uma arte neutra e desinteressada, na linha da filosofia kantiana, sem desconfiar que esta arte que acreditam universal, é bem específica de alguns grupos humanos e de alguns locais.

Segundo a equipe curatorial, um dos objetivos foi trazer novas perspectivas para o ser humano diante dos desastres ambientais e sociais do mundo atual, incentivando reflexões sobre a vida, o planeta e a trajetória do homem. Questionamentos que os artistas souberam expressar e problematizar com sensibilidade criativa. Sem trazer muitas respostas aos inúmeros questionamentos de

nosso tempo e da nossa sociedade, a Bienal enfrenta alguns desafios, mantendo uma qualidade estética que lhe garante uma posição de destaque no complexo e contraditório universo das bienais internacionais que atualmente se distribuem pelo mundo.

É importante destacar que para a melhor fruição e compreensão desta edição da Bienal Internacional de São Paulo é preciso abrir o pensamento para outras chaves de leitura, sem buscar o estético como ponto primordial. Não que ele não esteja presente em todos os momentos e todos os pontos, ele está ali de forma muito mais complexa. Arthur Bispo do Rosário, por exemplo, não é apresentado com seus tecidos bordados em cores, com temáticas subjetivas e muitas vezes delirantes, que muito bem conhecemos e admiramos. Ele vem com bordados cinza (linhas obtidas ao desfiar suas roupas de interno em instituição psiquiátrica) sobre fundos de tecido pardos, na série de navios que apresenta com inúmeros detalhes, bandeiras e outras informações, mostrando o quanto de conhecimentos tinha sobre o universo portuário em que viveu. O conjunto

destes imensos estandartes evidencia um artista com domínio de um métier manual e de um campo de um conhecimento específico do marinheiro que foi.

A Bienal rende homenagem ao artista, curador, historiador que lutou pela arte afro-brasileira, Emanuel Araujo. Presente com um painel todo branco, de treze metros de comprimento, composto por seis quadrados, marcado por relevos em movimento que documentam sua importante trajetória artística.

Nesta grande mostra, estão a tradição e as problemáticas da grande população descendente da diáspora africana, as angústias dos povos indígenas, sempre pressionados pelos invasores de suas terras e destruidores de suas cosmologias, as dores dos encarcerados pelas instituições psiquiátricas, o sofrimento dos agredidos por suas condições sexuais não hegemônicas, sejam femininas ou trans, o desespero dos oprimidos pela miséria que abate grande parte da população mundial em um mundo de tanta riqueza. Entretanto, a mostra não foca só em problemas e dificuldades, fala também da noção



Obra de Arthur Bispo do Rosário - Foto de Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo



Painel de Emanuel Araujo - Foto: Marcos Santos/USP Imagens



Obra de Manuel Chavajay - Foto: Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo

de pertencimento, de solidariedade, de estar juntos. Como pode ser visto no sutil e poético vídeo de Manuel Chavajay que documenta uma performance onde, em uma grande roda, barcos amarrados retomam as tradições de laços comunitários que se desfazem no mundo contemporâneo.

*Coreografias do impossível* não veio só para denunciar ou lamentar, mas principalmente para mostrar que a arte pode transformar o mundo em movimentos coreografados para construir utopias e novas realidades. E também, para lembrar o compromisso de cada um com estas mudanças, compromissos que ali se fazem através da arte.

## NOTAS

1 O calendário internacional de grandes eventos, apresenta um número cada vez maior de bienais de arte (trienais, quadrienais e outras do gênero) ao longo das últimas duas décadas, levando a criação de uma organização internacional, a *Biennial Foundation*, a fim de catalogar todos estes eventos.

2 Reflexão da crítica de arte Aleksandra Matias no Jornal da USP. Ver: <https://jornal.usp.br/cultura/ultimos-dias-para-viver-as-coreografias-do-impossivel/> Acesso em 7 de dezembro de 2023.

3 Material elaborado para divulgação preparado pela Fundação Bienal. O projeto curatorial está no link: <https://35.bienal.org.br/conheca-o-projeto-curatorial-da-35a-bienal-de-sao-paulo/> (acesso em 6 de setembro de 2023)

4 Frente 3 de Fevereiro é um coletivo paulista que, desde 2004, vem realizando pesquisas e ações diretas sobre o racismo na sociedade brasileira atuando no setor artístico visual, cênico, e poético, além do

educativo. A data 3 de fevereiro lembra o dia que o jovem dentista negro Flávio Ferreira Sant'Ana foi morto por policiais militares na zona norte da cidade de São Paulo, por ter sido confundido com um ladrão.

5 Grupo de Investigación en Arte y Política (GIAP) [Grupo de Pesquisa sobre Arte e Política] foi fundado em 2013 no México pela teórica e curadora chilena Natalia Arcos Salvo e pelo sociólogo italiano Alessandro Zagato.

## REFERÊNCIA

CATÁLOGO GERAL DA BIENAL.Fundação Bienal de São Paulo, <https://issuu.com/bienal/docs/35bsp-catalogo-pt>, SP, 2023. in BRASILEIRO, Castiel Severino, Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude, São Paulo, Hedra, 2022

## LEILA KIYOMURA

Atua como jornalista da editoria de Cultura do Jornal da Universidade de São Paulo. Já atuou nos jornais O Estado de S.Paulo, Jornal da Tarde, Folha de São Paulo, Gazeta Mercantil e tem cerca de dois mil artigos de arte publicados. Pós-graduada no Programa Interunidades da USP e curadora na Fundação Mokití Okada nas mostras *Tikashi Fukushima: Quando os ventos sopram cores*, *O Japão nas fotos de Atílio Avancini e Joel La Laina* e a *Natureza de Evandro Carlos Jardim*. É editora da Revista Arte & Crítica, da ABCA.

## MARIA AMÉLIA BULHÕES

Doutora pela USP, com pós-doutorado nas Universidades de Paris I, Sorbonne e Universidade Politécnica de Valencia. Professora e orientadora do PPG em Artes Visuais da UFRGS, pesquisadora do CNPq e crítica de arte independente. Seus últimos livros foram: *Desafios: arte e internet no Brasil*, 2022, *Arte Contemporânea no Brasil*, 2019, *As novas regras do jogo: o sistema da arte no Brasil*, 2014 e *Web arte e Poéticas do território*, 2011. É editora da Revista Arte & Crítica, da ABCA. Veja sua produção in <http://www.ufrgs.br/artereflecoes/site/>